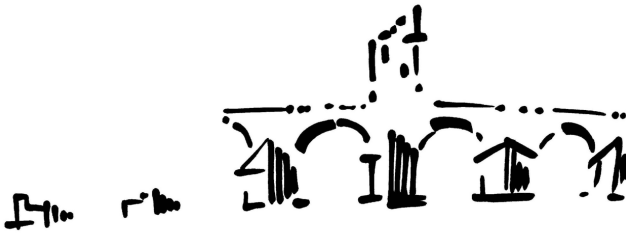


Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 / 2022



2022

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEX) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García / Guillermo Vidal Fonseca:
secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luísa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad Autónoma de Madrid)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Ofília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 – Año 2022

Longos dias têm cem anos: *com Agustina Bessa-Luís*

Coordinación

Maria Teresa Nascimento
(Universidade da Madeira)

Isabel Ponce de Leão
(Universidade Fernando Pessoa)



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: com Agustina Bessa-Luís

SUMARIO / SUMÁRIO

Maria Teresa Nascimento – Prefácio	9-12
Alda Maria Lentina – Virgens, solteiras e poderosas: mulheres na obra de Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – No encalço da <i>Sibila</i> : ler o espaço doméstico em Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís leitora de Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Viagens, identidade e memória em Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>A Corte do Norte</i> – do livro ao filme	89-100

Testimonios / Testemunhos

António Braz Teixeira – Agustina e o Aforismo	103-104
Isabel Ponce de Leão – A linguagem é o recipiente do pensamento	105-106
José Viale Moutinho – Lenta, silenciosa, desconhecendo	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, uma paixão	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís na <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – A UFP e Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museu Agustina Bessa-Luís – breve história de um projecto	119-126

Varia

Nuno Brito – As mãos, o coração, o mundo: o excesso e a intensidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade	129-147
--	---------

Rui Tavares de Faria – Figurações da Ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade	149-163
Marina Barba Dávalos – Condena musical en <i>Os Dous Renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Tradução teatral para galego no período 1916-1936: <i>corpus</i> atualizado de obras e das suas fontes à luz de descobertas recentes	195-218
Mercedes Soto Melgar – La influencia del Portugués en la terminología marinera gaditana: los lusismos en el habla viva de los pescadores	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Estratégias de proteção e mitigação do discurso em Português Língua não Materna: um estudo de caso	257-292

Reseñas / Recensões

Elisa Nunes Esteves – <i>Poetas del Alentejo</i> (Selección e Introducción de Ana Luísa Vilela e Antonio Sáez Delgado, Traducción de Juan Vivanco Gefaell), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Trad., introd. e notas de Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	308-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Normas de publicación / Normas de publicação	317-321

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: with Agustina Bessa-Luís

SUMMARY

Maria Teresa Nascimento – Preface	9-12
Alda Maria Lentina – Virgins, single and powerful: women in the work of Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – In pursuit of the <i>Sibyl</i> : reading domestic space in Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís reader of Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Travels, identity and memory in Agustina Bessa-Luís and Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>The Northern Court</i> - from book to film	89-100

Reflections

António Braz Teixeira – Agustina and the Aphorism	103-104
Isabel Ponce de Leão – Language is the container for thought	105-106
José Viale Moutinho – Slow, silent, unknowing	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, a passion	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís in <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – The UFP and Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museum Agustina Bessa-Luís - brief history of a project	119-126

Varia

Nuno Brito – The hands, the heart, the world: excess and intensity in the poetry of Carlos Drummond de Andrade	129-147
---	---------

Rui Tavares de Faria – Figurations of the Island in Natália Correia’s poetry: from the expression of Azoreanity to the search for universality	149-163
Marina Barba Dávalos – Musical revenge in <i>Os dous renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Theatre Translation into Galician (1916-1936): An Updated Corpus of Translated Plays and Sources in Light of Recent Findings	195-218
Mercedes Soto Melgar – The influence of portuguese in the seafaring terminology of Cádiz: lusisms in the spoken language of native fishermen	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Hedging Strategies and Mitigation in Portuguese as a non-native Language: a case study	257-292

Book Reviews

Elisa Nunes Esteves – <i>Poets of the Alentejo</i> (Selection and Introduction by Ana Luísa Vilela and Antonio Sáez Delgado. Translation by Simon Park), Lisboa, Ed. Shantarín, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Translation and introduction by Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	309-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Standards of publication	317-321

***Poetas del Alentejo* (Selección e Introducción de Ana Luísa Vilela y Antonio Sáez Delgado, Traducción de Juan Vivanco Gefaell), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.**

***Poets of the Alentejo* (Selection and Introduction by Ana Luísa Vilela and Antonio Sáez Delgado, Translation by Simon Park), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.**

Elisa Nunes Esteves
Universidade de Évora
ene@uevora.pt

*O poeta tem olhos de água para refletirem todas as cores do mundo,
e as formas e as proporções exactas, mesmo das coisas que os sábios
desconhecem.*

Manuel da Fonseca

Poetas del Alentejo e *Poets of the Alentejo* constituem uma dupla edição bilingue (PT/ESP e PT/ING) de poesia de autores da região do Alentejo: Bernardim Ribeiro, Garcia de Resende, Conde de Monsaraz, Florbela Espanca, José Régio, Raul de Carvalho e Manuel da Fonseca.

Os dois livros, com ilustrações de Susa Monteiro, apresentam-se com um mesmo título que remete para uma matéria literária subordinada a um espaço geográfico com forte potencialidade evocativa. A teoria literária reconhece e mantém um debate acerca das relações entre geografia e literatura. Sem nos determos nos detalhes da discussão teórica e nas diferentes linhas de orientação da geografia poética, recordemos apenas que a arte, e em particular a literatura, se apresentam como possibilidades de representar geografias pessoais, o que os estudos sobre identidades individuais e coletivas de diferentes comunidades têm vindo a valorizar e a pôr em destaque, não apenas no domínio restrito da teorização literária, mas também no mais amplo campo dos Estudos Culturais.

No âmbito do que se vem designando como *geopoética*, as obras literárias não serão lidas como um reflexo da objetividade territorial ou com o intuito de verificação de autenticidade geográfica, mas como um arquivo de experiências subjetivas do espaço (vivências, emoções,

pensamentos, fantasias) capazes de transmitir sentidos intemporais dos lugares através das suas representações imagéticas. Creio que para isso mesmo apontam os organizadores desta antologia no texto introdutório intitulado “Las sílabas de la luz” / Syllables of Lihgt”, quando se referem ao vínculo entre a matéria poética e o Alentejo:

Desde aquí es fácil comprender las reflexiones de Gaston Bachelard sobre «la poética del espácio» y deducir que la mirada y la memoria (los dos elementos constitutivos del poeta, en palabras de José Ángel Valente) se funden en la contemplación de un territorio transformado en arraigada posibilidad de transcendencia. Así há sido, a lo largo de los siglos, el vínculo entre la matéria poética y el Alentejo. (p. 14)

Observemos então um pouco mais detalhadamente esta edição de poesia e o seu horizonte geopoético.

Estamos perante uma antologia que reúne textos poéticos de sete autores do Alentejo (José Régio por adoção, não por nascimento), desdobrada em duas versões bilingues, da responsabilidade dos mesmos colaboradores, exceto os tradutores, que são diferentes para cada um dos livros.

Cada um dos poetas é apresentado textualmente, com uma breve nota biobibliográfica e visualmente através de uma ilustração figurativa do seu retrato. O propósito comunicativo, que está associado, de uma forma geral, às ilustrações científicas, muito exigentes em termos de clareza, rigor e qualidade estética, está aqui também presente. As ilustrações da artista alentejana Susa Monteiro assentam seguramente num estudo cuidado dos referentes, a partir da observação direta, de fotografias ou descrições, tanto das figuras como das paisagens e ambientes, por isso nos transmitem de forma tão expressiva os retratos dos poetas. Esta é uma característica dos livros que seguramente criará muita empatia com os leitores.

Os autores e os seus respetivos textos estão apresentados por ordem cronológica, privilegiando dois períodos históricos que, segundo os organizadores da antologia, correspondem a épocas áureas da poesia portuguesa: o período renascentista (1ª metade do séc. XVI) e o período moderno e pós-moderno (séculos XIX - XX). A maior parte da matéria poética apresentada, na verdade, pertence a este último: Conde de Monsaraz (três poemas), Florbela Espanca (onze), José Régio (seis), Raul de Carvalho (cinco), Manuel da Fonseca (quatro). Do período do

Renascimento temos dois poetas palacianos, Bernardim Ribeiro (quatro poemas) e o eborense Garcia de Resende (três).

A leitura destas publicações trouxe-me à memória uma pequena antologia de temática alentejana (não de autores alentejanos) – *Morena a Terra. Moreno o Canto* - editada pela Universidade de Évora em 1984 e preparada por Joaquim Moura Fernandes. Reli em particular a crónica de Vitorino Nemésio, publicada originalmente no jornal *Diário Popular* em 22 de fevereiro de 1946, intitulada “Alentejo – Terra e Literatura”. O escritor açoriano associa breves notas históricas à descrição do “território raso” que se situa abaixo do “equador hispânico” (que não é uma linha imaginária, é o rio Tejo), e elenca um conjunto de escritores naturais da região, figuras e vozes do Alentejo que constituem aqui um restrito cânone regionalista: Bernardim Ribeiro, o primeiro; depois destaca António de Macedo Papança (Conde Monsaraz), o poeta dos “quadrinhos da vida rústica” e finalmente os de “largo sopro poético” entre os quais se encontram Florbela Espanca e Manuel da Fonseca.

Evoco este livro e este texto em particular tão somente para notar a coincidência de perspetiva na seleção dos poetas. Diz Nemésio que “até ao séc. XIX as manifestações literárias do Alentejo são mínimas” e aponta “o fidalgo do Torrão como o primeiro escritor da província que dá voz a sentimentos e situações dela” (p. 42) nos versos da sua *Écloga II* em que descreve brevemente o Alentejo da fome e da seca. É com este poeta que abre a nossa antologia.

Com exceção da *Sextina* (Bernardim Ribeiro), todos os poemas correspondentes ao período do Renascimento foram coligidos no *Cancioneiro Geral* e tratam temas eminentemente literários e universais – o amor, a saudade, a mudança, a divisão interior do sujeito. Destaco, pela mensagem metaliterária, o poema *De Garcia de Resende a Jorge de Vasconcelos* aludindo à necessidade de preservar através da escrita a memória das obras poéticas, o argumento que justificava a compilação do *Cancioneiro* que Resende empreendeu com forte preocupação de exaustividade, e o vilancete *Entre mim mesmo e mim* (Bernardim Ribeiro) pela antecipação de um tema tão caro à modernidade como é a cisão interior do sujeito lírico.

Com o Conde de Monsaraz abrem-se outros horizontes e sentimos a voz dos naturais alentejanos na sua relação com o território e com a memória desta poesia mais antiga. Esse diálogo que se

estabelece entre os autores selecionados é, em meu entender, uma das marcas da feliz harmonia conseguida no macrotexto.

Darei apenas alguns exemplos deixando aos leitores a exploração de outros caminhos possíveis.

A dor da ausência do amor e a morte inelutável, cantados por Garcia de Resende em *Suspiros, cuidados*, parecem-nos reescritos por Florbela no soneto *Frémido do meu corpo a procurar-te*, a mesma que, por sua vez, no poema *À janela de Garcia de Resende*, com o seu “poético balcão” e a evocação de “bandeiras”, “pajens” e “pendão real” nos transporta para o tempo dos cortejos reais na cidade natal do poeta. O “rude coração de alentejana” dessa “Mística Dona” ecoa no “rude coração pesado” do sujeito lírico em *Para um poema a Florbela* de Manuel da Fonseca.

Do mundo interior para o realismo da paisagem exterior, somos tocados a cada página, a cada poema, com um espaço descrito com pinceladas de cor, sonoridades e perspetivas recorrentes, em imagens de grande valor estético: “o liso e raso/campo das searas” de Raul de Carvalho alarga-se e enche-se de luz no “oceano de ondas de oiro” de Régio em *Fado Alentejano*. O “coro arrastado, soturno, indolente” dos bêbados do poema do Conde Monsaraz segue o ritmo da “concertina (...) pobre e cristalina, /popular, vulgar” de *Domingo no Alentejo* de Régio.

O espaço físico (rural) do Alentejo, “Terra bravia de fomes/com piteiras aceradas como pontas de navalha” (Manuel da Fonseca) projeta-se no plano social: no retrato declinado do “senhor morgado” e nos “espectros da fome” de *Os bêbados* (Conde de Monsaraz), no feminino idealizado no soneto florbeliano *Rústica*, ou nos “malteses”, “ganhões”, “lavradores”, “cavadores”, “ceifeiros” de Manuel da Fonseca (*Para um poema a Florbela*).

Este é um possível roteiro de leitura, em torno destas isotopias da geografia poética dos livros que nos revelam um Alentejo transfigurado pelos olhos dos poetas que sabem dele mais do que os mágicos, para retomarmos o poema de Manuel da Fonseca.

Considero que estamos perante uma pertinente seleção de autores e uma cuidadosa escolha de poemas dialogantes entre si, mas também com os poetas maiores da tradição literária nacional, Camões e Pessoa. Os textos estão apresentados de forma sóbria, depurados de notas explicativas, registando-se o rigor e o cuidado na apresentação de bibliografia crítica e das edições de origem dos textos poéticos.

É, portanto, uma edição acessível e apelativa, pensada para leitores estrangeiros: os poemas têm apresentação bilingue, com traduções de elevada qualidade, e todos os paratextos se apresentam respetivamente em inglês e em espanhol. Assim se alarga o número de potenciais leitores, convertendo-se estes livros num veículo de internacionalização de poetas que, embora ligados a uma região, têm uma dimensão muito mais ampla, são verdadeiramente poetas canónicos da literatura portuguesa. Uma palavra final sobre os organizadores da antologia, Ana Luísa Vilela e Antonio Sáez Delgado, que ao longo de muitos anos têm percorrido os caminhos desta região: acredito que a eles, como ao poeta José Régio, o Alentejo também lhes tenha dado “asas e raízes”.

Carlos Callón, *O libro negro da lingua galega*, Xerais, 2022, 767 pp.

Guillermo Vidal Fonseca
Universidad de Extremadura
gvidalfonseca@unex.es

Se tivese que facerse unha sinopse d' *O libro negro da lingua galega* nunha soa frase, esta podería ser perfectamente «o compendio de todas as agresións, discriminacións e opresións rexistradas contra a lingua galega e os seus falantes desde finais do século XV até (case) a actualidade». A través dun labor de ampla documentación, tanto en fontes escritas como en testemuños orais, o profesor Callón consegue pór en coñecemento do público menos erudito os ataques que recibiu a lingua galega no seu longo transitar desde que era lingua normalizada e prestixiada na Idade Media até os días de hoxe, caracterizados pola diglosia e a perda relativamente acelerada de falantes.

A obra combina con man esquerda dous enfoques aparentemente irreconciliables: por un lado, o dunha pescuda científica destinada aos ámbitos máis académicos, palpable a través dun